
EXEGESE FILOSÓFICA

NA APOLOGIA CRISTÃ DE ORÍGENES

Resumo *Este artigo discute e faz alguns comentários sobre os aspectos básicos das estratégias discursivas, estabelecidas pelo teólogo Orígenes em sua apologia a favor da doutrina cristã. Suas narrativas demonstram um trabalho efetivo de exegese filosófica para conceder uma base de inteligibilidade na exposição, na organização textual e na produção dos “efeitos de sentido” nos discursos.*

Palavras-chave: Orígenes, apologia cristã, estratégias discursivas.

Abstract *This article discusses the basic aspects of the discursive strategies established by theologian Origenes, in his apology in favour of the Christian doctrine. His narratives demonstrate an effective work of philosophical exegesis to grant groundwork of rationality in the explanation, textual organization and production of the ‘effects of signification’ in his speeches.*

Keywords: Origenes, Christian apology, discursive strategies.

CONSIDERANDO A LINGUAGEM COMO produtora de sentidos, na elaboração de um conteúdo cognitivo cuja função é criar elos de identificação entre aqueles que compartilham de uma mesma identidade, analisaremos o uso de argumentações filosóficas estruturadas pelo teólogo Orígenes, como estratégia discursiva para expressar as novas realidades espirituais, as quais dominavam os debates entre os intelectuais. O diálogo manifestado com o neoplatonismo demandava por uma reorientação quanto ao entendimento do homem e sua busca pelo divino, o nível supremo. Os desejos de salvação ou redenção eram acrescentados aos argumentos lógicos. Identificamos na ordem do discurso o esforço sistemático de estabelecer “verdades”, positivities¹, com o fim de dar uma nova direção à existência humana. Faz-se necessário investigar como

os discursos se constituem, que regras o discurso obedece ou exclui em determinada formação sócio-histórica dada, para que funcione e produza seus efeitos de sentido.

Verifica-se a utilização de argumentos filosóficos a fim de dar veracidade ou respaldo “científico” às formulações que eram construídas, pelos formados nas ciências gregas. A filosofia na antiguidade reunia categorias de pensamento necessárias à investigação mais profunda do conhecimento. Na discussão filosófica os sentidos, amiúde, dependem de uma complexa estrutura de termos, definições e informações que exigem elucidação precisa para se conservar a significação ao longo de uma argumentação escrita extensa (Bottéro 1995: 177). Tomemos como exemplo as palavras de Clemente (150-215 d.C.), de Alexandria: “a filosofia é a ginástica do espírito que leva à

percepção das noções inteligíveis”, ou ainda, “é a busca da verdade e da natureza real das coisas” (*Estrômatos*, I). De fato os alexandrinos (Panteno, Clemente, Orígenes) se caracterizaram pela proximidade direta da filosofia e, portanto, argumentavam com os recursos da ciência e da cultura.

Na Carta de louvor de Gregório, o Taumaturgo, dirigida ao seu mestre Orígenes, temos a descrição dos passos metódicos quanto ao ensino que ministrava na Palestina, inspirado no modelo da escola alexandrina, a saber: a) o estudante deveria iniciar-se antes de tudo no exame do que fosse patente, à primeira vista (de caráter sofisticado), para então aprofundar-se, objetivo a ser alcançado através da dialética; b) em seguida, os ensinamentos das ciências da natureza, a Física (o estudo da natureza e de cada um dos seres, a constituição do universo em geral e cada parte), a Geometria, a Astronomia; c) as “divinas virtudes morais”, a ética – tinha a arte de tornar o indivíduo disciplinado e constante, além de fazer ver os princípios e raízes mesmo dos males da alma, suas paixões, e a escolha pelo que nela havia de mais racional que se traduzia nas principais virtudes: a prudência, a temperança, a justiça e a piedade, mãe de todas as virtudes (princípio e fim de todas); d) os que desejassem prosseguir receberiam o ensinamento da teologia e da metafísica, desenvolvendo a reflexão de forma comparativa acerca das coisas divinas, incluindo os escritos dos antigos filósofos e poetas, helênicos ou não, excetuando-se os ateus (os que negavam a existência e providência divina). O objetivo era evitar o perigo de que uma única doutrina fosse exclusivamente estimada² e ao fim, já tendo dominado a mente, demonstrar-se enganosa.

Porém, no estudo da teologia e metafísica, o exame e interpretação das

Escrituras Sagradas e seus significados ocultos tornavam-se prioritários, pois o maior bem era o conhecimento e piedade para com a divindade; nas coisas divinas só se daria atenção a Deus e seus Profetas. O cristianismo era uma religião revelada, implicando assim, no assentimento às verdades que Deus manifestava aos homens, como se cria. Essa era fundamentalmente a distinção básica com o politeísmo e com a sistemática da filosofia não-cristã; implicava a total inserção nos textos considerados sagrados e uma profunda convicção íntima em matéria de fé; conferiam autoridade a uma contínua tradição escriturária, bíblica, e a seus tratados teológicos. A figura do intérprete na retórica cristã tornava-se mais conciliatória aos objetivos buscados para a exposição de conteúdos tão metafísicos. Os homens educados em seus livros sagrados eram em sua maioria, professores, pregadores, pedagogos, interessados em instruir seus ouvintes. Para esses fins, os pensadores da patrística se dedicaram. O curso ministrado em Cesaréia da Palestina (tendo seguido as mesmas orientações de Alexandria) possuía então, a inserção de conteúdos religiosos resumindo-se a dois ciclos básicos: o de propedêutica científica e filosófica e o outro, de religião.

Segundo Gregório, o método de Orígenes aplicava-se a guardar tudo que fosse considerado proveitoso e verdadeiro em cada filósofo³, os bens que se deviam seguir e outros que se deviam fugir. Por esta razão não é possível afirmar que houve uma filosofia própria e exclusiva do cristianismo, ainda mais se considerarmos a ampla variedade de interpretações e aplicações, do caráter bastante eclético dos pensadores desta época imperial. Esta é uma questão bastante dinâmica e de explicação nenhum pouco simplista. Para G. Fraile (1986: 44, 45), a Igreja não tinha se ligado a nenhuma tendência filosófica concreta, senão que sua teologia tinha

incorporado e assimilado elementos procedentes de ideologias bastante distintas como a do neoplatonismo, estoicismo, etc., no sentido analógico e instrumental. Esta realidade, contudo, não impedia a manifestação por determinadas preferências. Ainda neste raciocínio, acrescenta-se a ressalva de que cristianismo e filosofia foram independentes para existir⁴, tendo havido uma especulação racional de caráter filosófico nas concepções de Deus, do mundo e do homem, na qual alguns pensadores cristãos dotaram o cristianismo de um caráter científico, embora seja difícil precisar seus limites e influências mútuas⁵. Para alguns pesquisadores de fato as atividades literárias e a influência pessoal de Orígenes conferiram à filosofia um lugar reconhecido dentro da cristandade e por outro lado enriqueceu consideravelmente a teologia cristã a despeito de alguns abusos (Clamplin e Bentes 1995: 626).

Desde então, temos como objetivo, analisar argumentos de discussão filosófica estrategicamente utilizados por Orígenes em sua apologia a favor da doutrina cristã, escrita em língua grega e intitulada *Contra Celso* (248 d.C., aprox.). Identificamos Orígenes a partir de um lugar social, isto é, como filósofo exercitado na atividade docente, formado nas ciências gregas e partidário das releituras aplicadas ao platonismo que estavam sendo correntes em seu tempo. A elaboração discursiva de Orígenes visa responder ao seu adversário filósofo, em mesmo grau de igualdade, num nível de raciocínio intelectual elevado. Os argumentos filosóficos que Orígenes utiliza em seus discursos apologéticos foram elaborados em virtude do mesmo ter em mãos uma obra intitulada “Doutrina Verdadeira” (*Alèthès Lógos*) cujo autor apontava para Celso (escrita por volta do ano 178 d.C.), filósofo neoplatônico e defensor do politeísmo. Os pesquisadores supõem que esta obra foi constituída de

quatro livros. Através da reconstituição dos fragmentos do texto de Celso⁶ (reproduzidos na obra de Orígenes), reconhecem a dificuldade de perceber uma coerência, uma marca do desenvolvimento do texto, ou uma unidade orgânica em seus livros, embora se apresentem em quantidade bastante significativa. Os escritos de Celso parecem não apresentar uma base homogênea, condição que faz com que alguns estudiosos duvidem de sua observância filosófica. No entanto, Celso revela ser um profundo conhecedor de textos bíblicos do Antigo Testamento e Novo Testamento, bem como sobre o desenvolvimento da comunidade cristã nos tempos apostólicos, além de constituir o primeiro ataque vigoroso do cristianismo por um representante da alta cultura. O apelo que Celso faz à razão e à tradição politeísta resulta na comparação do pensamento cristão à cultura antiga.

Marcel Borret acrescenta que o próprio título da obra de Celso, *Doutrina Verdadeira*, para Orígenes representa um título agressivo, provocante, que o faz reagir com indignação pelo fato de ser obrigado a refletir no conteúdo do libelo. Realmente, o texto de Celso em mãos de qualquer cristão intima-o a explicar sobre ele mesmo, o que são as coisas que eles dizem e o que eles vivem. Suscita entre os cristãos uma verificação completa sobre a doutrina, sobre o culto, sobre seus costumes e sobre sua história (Borret 1986: 24-28). Orígenes então, apropria-se do título “Doutrina Verdadeira” e aplica-o para identificá-lo com o *alèthès lógos*, o Cristo, estabelecendo as diferenças entre o politeísmo e o cristianismo.

Convêm atentarmos para uma questão interessante, principalmente entre os intelectuais cristãos adeptos da filosofia, alguns apologistas: não houve um combate direto nas relações entre razão e fé, mas sim um intenso debate entre a filosofia não-

cristã com a doutrina do evangelho, de forma comparativa (Fraile 1986: 39-44). Com os filósofos cristãos, tais como Clemente, Atenágoras, Orígenes, Justino, o Mártir, a razão têm a virtude, de não entrar em conflito com a fé, senão em ajudar a argumentar em seu favor, o que demonstra seu sentido utilitário. Para Orígenes, por exemplo, todo o universo participa da racionalidade e da espiritualidade que lhe conferem ordem e dignidade, tendo em vista que “*todo lugar é parte do universo e o mundo todo é templo de Deus*” (*Contra Celso*, VII, 44). Orígenes, assim, atribui sentido, contextualizado à luz da interpretação cristã, de que toda alma racional tem a virtude de aceitar as doutrinas e o poder de captar o seu significado. Plotino, filósofo pagão neoplatônico, contemporâneo de Orígenes, manifestava a mesma linha de pensamento, acreditando que o espírito racional deveria naturalmente escolher o Bem. Isto demonstra que havia um conjunto de verdades naturais comuns à fé e à filosofia⁷. Para o cristão Orígenes, todo o conhecimento que deriva da divindade deve ser acompanhado de sabedoria e razão⁸, com a seguinte ressalva: para aqueles que queiram elevar-se da fé simples e indagar o sentido das Escrituras divinas (III, 34).

Esta interpelação surge em função dos enunciados formulados por Celso os quais enfatizam o caráter “bárbaro” do cristianismo⁹: composto de gentes incultas (*απαιδευτοτάτους* ou *ιδιωτικους δήμους*), rústicas (*αγροικοτάτους*); escravos (*ανδράποδα*); insensatos, desprovidos de razão (*άνόητος*) e de origem humilde, vulgar (*αγενής*), tais como os cardadores (*εριοργους*), sapateiros (*σκυτοτόμους*), pisoeiros (*κναφείς*), enfim artesãos – *Contra Celso*, III, 49-61. O criticismo de Celso demonstra o pensamento da elite conservadora romana. A questão ganha relevância tendo em vista as adesões às associações tanto religiosas

como filosóficas na cultura greco-romana que se restringiam a determinados segmentos. Para aristocratas, nobres ou intelectuais adeptos à filosofia, dedicados ao “exercício do trabalho da mente”, a opinião das massas deveriam ser ignoradas, mostrando-se muitas vezes impacientes com os segmentos inferiores da sociedade (Macmullen 1992: 49). Orígenes então, argumenta que Celso era contra a “raça dos cristãos” (*ὁ Κέλσος πρὸς τὸ χριστιανῶν γένος*). Em função disso, elabora sua refutação, supondo que Celso escreveu sob a paixão mais inflamada motivada pelo ódio contra os cristãos, desprovido de modéstia ao contrário de autênticos filósofos como Platão ou Crisipo (I, 40). Verifica-se através desses embates entre intelectuais, o apelo à reflexão e finalmente à razão que procuram o rigor e a penetração do espírito àqueles discursos filosóficos de caráter persuasivo e sedutor (Borret 1976: 27).

A filosofia nas escolas cristãs marcou-se pelo procedimento de passar das coisas sensíveis (*τῶν αἰσθητῶν*) às realidades inteligíveis (*τὰ νοητά*). Essa operação é bastante significativa para as formações discursivas de Orígenes e seu trabalho exegético. Encontramos em sua linguagem termos filosóficos bastante recorrentes, utilizados estrategicamente para infundir a veracidade de suas afirmações, tornar o discurso eficaz e fazer-se persuasivo na construção do sistema de representação da identidade cristã. Orígenes exorta que “*é necessário que os que filosofam sobre a doutrina se equipem de toda classe de provas tiradas das Escrituras divinas e advindas da série de argumentos*” (IV, 9; VI,10). Suas narrativas, portanto, contêm uma série de citações apropriadas de outros discursos e sujeitos, a fim de corroborar suas construções defensivas e produzir “efeitos de verdade” nas suas afirmações. Essa atitude, como vimos, é uma característica

dos intelectuais da academia em época imperial, que de forma bastante eclética discutiam e compartilhavam distintos saberes. A instrumentalização desse conhecimento permitiu ao apologista Orígenes progredir nos recursos da ciência e aplicá-los na *demonstração* da fé. Vejamos outros enunciados de Orígenes, pelos quais reforça que no cristianismo se executa um conjunto de ações investigativas, o que chamamos de *operações de pensamento*:

“o exame aprofundado das crenças e a exposição dos enigmas dos profetas”¹⁰ (I,9)

(εξέτασις τῶν πεπιστευμένων καὶ διήγησις τῶν ἐν τοῖς προφήταις ἀνιγμάτων)

“examinar a fundo o acontecimento”(I,26)
(ἀλλὰ πειρώμενος τεθεωρημένος εξετάζει ἐν τα πράγματι)

“esquadrinhei as Escrituras”(III,33; VI,37)
(ερευνᾶτε τὰς γραφὰς)

“nos exorta a Palavra divina a cultivar a dialéctica”(VI, 7)
(παραδειξομεν ἀπο τῶν ἱερῶν γραμματῶν ὅτι προτρῆπει καὶ ὁ θεὸς λόγος ἡμᾶς ἐπὶ διαλεκτικῇ)

“se demonstre a razão do cristianismo”(VIII, 1)
(Τὰ χριστιανισμοῦ ἀποδειχθῆ)

Esses atos enunciativos surgem com bastante veemência no discurso de Orígenes principalmente ao responder a seguinte assertiva de Celso sobre os cristãos: “*não inquiras; apenas creia*”(μὴ ἐξέταζε ἀλλὰ πίστευσον), quer dizer, crer sem fundamento. Orígenes empreende sua defesa afirmando que Celso desconhece as doutrinas da Igreja e os cristãos, “os quais se exercitam no conhecimento mais que os filósofos gregos”, pois buscam compreender a si mesmos e os mistérios divinos; nesta direção atribui o seu julgamento, com termos lingüísticos comparativos: “os

argumentos são melhor tratados entre nós, cristãos” (μᾶλλον καὶ βέλτιον, mais e melhor). O recurso da dialética (perguntas e respostas), muito recorrente em Orígenes, também demonstra uma estratégia bastante eficaz no sentido da persuasão, da arte retórica, a fim de que os interlocutores se convençam da necessidade de aceitar um princípio ou uma doutrina e, revela a capacidade de formular enunciados e tirar conclusões deles. Orígenes reforça, portanto, o papel dos mestres, no qual se inclui, pois os que se voltam para o ensino da Palavra devem ser capazes de refutar os contraditores. “Esquadrinhar as Escrituras” significava uma ação que movia o convertido para o conhecimento das verdades da fé, com sabedoria e razão.

Para o alcance de tais tarefas, identificamos então na linguagem, ações que eram repetidamente manifestas, através dos seguintes verbos enfatizados em todos os seus discursos: Ἐξετάζω (examinar a fundo/provar, experimentar, interrogar, explorar/admitir depois de exame); θεωρέω (observar ou considerar com a inteligência, inspecionar, passar a revista/contemplar); πειράω (intentar, esforçar-se, empreender, fazer prova, examinar/experimentar, ter experiência); πειρητίζω (ensaiar, fazer prova, escutar, provar alguém/medir-se com alguém); Κρίνω (distinguir, discernir, decidir, julgar, interpretar, apreciar, avaliar). Se atentarmos com mais afinco para estas disposições, veremos a aplicação do ideal do ser contemplativo, postulado pelas releituras do platonismo que evocam a importância do sábio exercitado nas coisas espirituais para o alcance das verdades mais profundas.

Essas operações reflexivas se justificavam também em dois aspectos à medida que, primeiro: na religião cristã revelada havia enigmas, mistérios que continham significados simbólicos que precisavam ser devidamente esclarecidos,

expostos à luz, à inteligência superior que se sobrepunha às mentes mais simples. Desta contingência, surge a necessidade de um intenso trabalho exegético através das alegorias¹¹, recurso utilizado com bastante frequência por Orígenes ao abrir caminhos para outras possibilidades de interpretação e compreensão dos textos, indo além do seu sentido literal. Para Celso, as alegorias eram utilizadas pelos judeus e cristãos, quando suas histórias ou doutrinas, nem ainda literalmente tomadas, se prestavam a crítica alguma – “*os mais moderados entre judeus e cristãos tratam de explicar tudo isto alegoricamente*” e acrescenta que “*envergonhados de tais histórias, buscam refúgio na alegoria*”. A contraposição e a luta pelos discursos significantes são estabelecidas. Um discurso se produz em função de outro discurso, condição que suscita em Orígenes a refutação daquela assertiva com outra, indagando como se explica as lendas e mitos gregos, como entender que pais deuses comam a seus filhos deuses, ou que deuses filhos mutilem seus pais deuses (faz referência a *Teogonia* de Hesíodo)? Percebe-se dois porta-vozes qualificados para elaborar e estabelecer um criticismo de grande sagacidade investigadora, representantes de dois pensamentos e duas culturas, politeísta e cristã. Na realidade, observa-se que a construção de determinados enunciados obedeceu algum tipo de regra, aqui exemplificado pelo uso da alegoria. Orígenes não exclui totalmente a interpretação literal dos textos bíblicos, mas também, enfaticamente assevera e atribui importância fundamental a necessidade da interpretação alegórica a textos de difícil explicação.

Segundo, aplica-se a noção de verdade associada à razão, para alcançar a coerência e a ordem lógica nas exposições dos fatos e dos argumentos e, a ordem histórica. As exposições doutrinárias têm este aspecto sutil em Orígenes e é o

momento quando ele introduz suas interpretações às formulações de Celso. Aos quatro livros de que consta a obra de Celso, opõe Orígenes com oito. O estilo de sua refutação é observado quando introduz recortes selecionados dos fragmentos gregos da obra de Celso. Orígenes então dissecou sua argumentação questão por questão, proposição por proposição e até nos detalhes de uma frase, exerce um controle sobre as questões alegadas, examinando as citações transcritas pelo próprio Celso, acrescentando outras se julgar necessário e retificando o julgamento sustentado sobre a doutrina. Além desses passos, denuncia continuamente as omissões até onde ele alcança e volta-se contra a acusação do adversário, incluindo os termos pejorativos que a acompanham (Borret 1976: 201).

Concluindo seu oitavo livro, Orígenes crer ter construído uma refutação irrepreensível e assinala: “*ao leitor de seu escrito e de nossa réplica toca agora julgar qual dos dois respira mais do verdadeiro Deus, da maneira que haja de dar-se-lhe culto, e da verdade que chega aos homens daquelas sãs doutrinas que o induzem ao melhor gênero de vida*” (VIII, 76). Toda elaboração discursiva de Orígenes tem como meta realizar, digamos, a arte retórica da demonstração, buscando interagir e atrair o leitor, a fim de que o mesmo venha aderir e ser capaz de compreender a mensagem cristã. Suas narrativas apontam para estratégias de argumentações filosóficas, que visam infundir efeitos de verdade e eliminar qualquer risco, em seu julgamento, de inserções falsas ou heréticas, ao dispor tudo ao exame e à razão mais crítica. Exigia-se uma organização textual e uma verdadeira exegese filosófica. Com este procedimento discorre sobre a doutrina cristã e todo seu conteúdo cognitivo.

Identificamos em Orígenes seus “modos de seduzir” através do uso da

linguagem que expressa sentidos bastante significativos na forma de apresentar positiva ou negativamente determinados valores ou aversões. Se a razão concorre para exercitar os espíritos ou dotá-los da capacidade de captar o significado das coisas e enxergar as “verdades da fé”, como vimos anteriormente, assim afirma: “*Por que, que dano maior que não compreender pela ordem do mundo a seu Fazedor? E que pior desgraça que ser cego de inteligência (τοῦ τετυφλωθῆναι τὸν νοῦν) e não ver o Pai e artífice do Universo*”(VIII,38). O dano ou desgraça está associado à falta de inteligência. É

interessante este argumento retórico de Orígenes no livro oitavo, porque logo no prefácio da obra ele discorre sobre o fato de ter que responder a Celso, como se o mesmo também fosse enquadrado nessa condição referida, devido não ter percebido “que a realidade mesma oferecia uma clara refutação, pela ordem das coisas”. Enfim, aqui se traduz o pensamento do teólogo Orígenes, a subordinação do conhecimento natural ou da ciência especulativa à razão divina, “à verdade” que tinha o seu fundamento e procedia das escrituras sagradas, reveladas.

Uiara Barros Otero
Mestre em História UFRJ/PPGHIS
Profª da UNIGRANRIO
uiaraotero@yahoo.com.br

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

- ORIGÈNE. *Contre Celse*. (Introduction, texte critique, traduction et notes par Marcel Borret, s.j.). Paris: Du Cerf, 1967. Tomos I-IV (texto em francês e grego).
- ORÍGENES. *Contra Celso*. Introdução e notas por Daniel Ruiz Bueno. Madrid: BAC, 1967.
- TAUMATURGO, S. Gregório. “Discurso de acción de graças dirigido a Orígenes” (apêndices). In: BUENO, Daniel Ruiz (trad.). *Contra Celso*. Madrid: BAC, 1967.

BIBLIOGRAFIA

- BORRET, M. Origène: *Contre Celse*. t.V. Introduction générale, tables et index. Paris: Éditions Du Cerf: 1976.
- BOTTERO, J. & MORRISON, K. *et alii*. *Cultura, pensamento e escrita*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHAMPLIN, R.N. & BENTES, J. M. *Enciclopédia da Bíblia: teologia e filosofia*. São Paulo: Candeia, 1995. (v.I, A-C; v.IV, M-O).
- CLARKE, M.L. *Rethoric at Rome; a historical survey*. London-New-York: Routledge, 1996.
- FRAILE, G. *História de la filosofía. El cristianismo y la filosofía patristica*. v.II. Madrid: BAC, 1986.
- MACMULLEN, Ramsay. “Philosophers”. In: *Enemies of the roman order: treason, unrest, and alienation in the empire*. London: Routledge, 1992, pp. 46-94.

PINTO, M. J. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

NOTAS:

¹ Para Orígenes, filósofos que constroem sentenças e em seguida as corrigem não são verdadeiros filósofos. A verdadeira filosofia não muda o seu parecer nem por necessidade, nem por persuasão (Carta de Gregório, o Taumaturgo em louvor a Orígenes, III séc.d.C.).

² Era comum entre patronos e estudantes de filosofia de época imperial, escolherem a opção que melhor lhes condizia. Macmullen (1992: 49) afirma que havia uma mistura de elementos, sendo favorito dentre eles, os estóicos, mas também epicuristas, peripatéticos, pitagóricos, acadêmicos ou cínicos. O autor ainda observa que ditas escolhas se davam não por sua lógica, mas motivados por interesses econômicos, tendência política e costumes sociais.

³ Neste aspecto, a partir do IV século, Orígenes receberia acusações veementes, por ter se aproximado exageradamente dos filósofos não-cristãos, levando-o para interpretações não consensuais. Dentre as temáticas combatidas destacam-se: a crença na preexistência da alma e na restauração universal, inclusive dos demônios na ocasião do julgamento final, na eternidade.

⁴ Haja vista os discursos inflamados de Ireneu e Tertuliano contra a filosofia.

⁵ O itinerário de filósofos convertidos ao cristianismo como Justino, também demonstra como foi valorizado o exercício propedêutico alcançado pela filosofia e o auxílio que ela teria trazido para o entendimento de saberes mais profundos numa tentativa de conciliação. Ele descreve no *Diálogo*, os contatos estabelecidos com um estóico, com um peripatético (discípulo de Aristóteles), com um pitagórico, com um platônico, tendo este último o conduzido a proveitosas lições. Para Justino, o entendimento das coisas incorpóreas o fascinava e a contemplação das idéias dava asas ao espírito e conduzia a enxergar a soberania divina, Deus, objetivo que ele julgou ser apresentado na filosofia de Platão (*Diálogo*, VII,1-3)

⁶ A obra original em sua íntegra encontra-se perdida. Tudo que sabemos de Celso vêm através das narrativas de Orígenes, inclusive a provável data do seu escrito é postulada segundo alguns acontecimentos reproduzidos por Orígenes. As alusões à situação do império, à ameaça dos Bárbaros, revoltas, calamidades, motivos que acentuam as perseguições aos cristãos no reinado de Marco Aurélio, indicam os anos 178-180 o período aproximado de sua escrita. As palavras de Celso mostram em sua elaboração um rigor patriótico, pelo zelo dos costumes tradicionais, das instituições e a preocupação pelo resgate da *pax deorum* e subsequente *pax romana*.

⁷ Podemos constatar esta verdade principalmente quanto à ordem moral. Tanto Orígenes quanto Plotino apresentam o exercício das virtudes, de maneira gradual, para participar da essência divina; as virtudes fazem do espírito uma viva expressão da Mente divina (In: *The internet encyclopedia of philosophy*. www.utm.edu/research/iep/g/gnostic.htm). Embora, sejam distintos quanto à adesão religiosa, Orígenes (185-253 d.C.) e Plotino (205-270 d.C.) apresentam certas características comuns: são provenientes do Egito; tudo indica que ambos foram alunos de Ammônio Saccas, fundador do neoplatonismo; participam do mesmo espaço temporal (primeira metade do século III); estabelecem uma escola, uma sistemática de ensino.

⁸ Na obra *Peri Archôn*, Orígenes define melhor o que pensa sobre a razão: “é a capacidade de discernir e julgar as representações e tendências, reprovando e recusando uma e aprovando e acolhendo outras, a fim de que possam ser dirigidos pela razão para uma vida digna todos os movimentos do homem” (III,1,3).

⁹ Discussão que Orígenes transcreve no terceiro livro de sua obra *Contra Celso*.

¹⁰ Este enunciado está inserido no seguinte parágrafo: “... se fosse possível que todos abandonassem os negócios da vida para vagar tranqüilamente até a filosofia, não haveria que seguir outro caminho que esse, pois no cristianismo não se achará menor tarefa, para não dizer algo forte, que em outra parte alguma: o exame das verdades da fé, a interpretação dos enigmas dos profetas, das parábolas evangélicas e de infinitas coisas mais acontecidas ou legisladas simbolicamente” (Contra Celso, I, 9; nossa tradução).

¹¹ Esse recurso já tinha sido bastante utilizado pelo apóstolo Paulo e por Fílon, alexandrino judeu. Este último tentou harmonizar os escritos judaicos com a filosofia grega (séc. I d.C.).